

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Yuri Schmitt

Fotografias como disparadoras em Ciências Sociais:
um trabalho sobre cultura realizado com estudantes do ensino médio

Porto Alegre
2021

Yuri Schmitt

**Fotografias como disparadoras em Ciências Sociais:
um trabalho sobre cultura realizado com estudantes do ensino médio**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Fabiene Gama

Porto Alegre
2021

Yuri Schmitt

Fotografias como disparadoras em Ciências Sociais:
um trabalho sobre cultura realizado com estudantes do ensino médio

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito para a obtenção
do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Fabiene Gama

Aprovada em: 30 de novembro de 2021.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.a. Dra. Fabiene Gama (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. Leandro Raizer - UFRGS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães - UFRGS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os estudantes da Escola Técnica Estadual Parobé e em particular às turmas 1M1, 2M2 e 3M4, com as quais desenvolvi todas as minhas experiências de pibidiano. À turma 2M2, agradeço o auxílio no desenvolvimento deste meu trabalho. Faço um agradecimento especial à professora titular da disciplina de Sociologia da escola, professora Tânia Rejane Saraiva Schneider, que em todo o seu empenho e dedicação nas aulas me estimularam cotidianamente. Agradeço também aos estudantes que colaboraram com o envio das fotografias.

Também agradeço aos meus colegas e professores que me inspiraram neste trabalho. Nesse sentido, destaco meus colegas Felipe Silva e Eikon Murilo e a professora Dra. Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama, o professor Dr. Luciano Bedin da Costa e o professor Dr. Leandro Raizer.

Agradeço aos meus colegas de trabalho Elen Lima da Costa, Cátia Amara Horst e Genesis Queroz que me apoiaram nos momentos mais aflitivos.

À minha incansável mãe Lisete Maria Schmitt, ao meu combativo pai Paulo Alípio Schmitt e ao meu amoroso irmão Ramon Schmitt, deixo um agradecimento especial.

Todos vocês motivaram e motivam a minha vida.

RESUMO

Este trabalho analisa uma experiência de uso da fotografia realizada com uma turma do segundo ano da Escola Técnica Estadual Parobé, em Porto Alegre. Nela, a fotografia foi utilizada como disparadora do debate acerca da temática da cultura a partir de uma construção dialógica com os estudantes, com o intuito de aproximar o conhecimento teórico das Ciências Sociais sobre a temática, tal como que está disposto no livro didático Sociologia em Movimento, com o conhecimento dos estudantes sobre o tema. Escolhi o momento da devolutiva, ou seja, meu retorno sobre as fotografias produzidas pelos estudantes, como metodologia de ensino estruturada em dois momentos: primeiro, a partir da análise das fotografias e das descrições enviadas pelos estudantes e em seguida combinando-as com as discussões teóricas da temática da cultura a partir do que foi fotografado. Como resultado, pude perceber que o uso das fotografias em educação, e em especial como disparadora de debates, auxilia na compreensão de temáticas caras à Ciências Sociais, pois aproximam o discurso científico a experiências e narrativas dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; cultura; ciências sociais; educação; devolutiva.

ABSTRACT

This paper analyzes an experience with photography done with a class from the second year of the Technical State School Parobé in Porto Alegre. The photo was used as a debate starter about culture from a dialogical construction with the students, meaning to bring closer the theoretical knowledge of the Social Sciences about the theme as it is laid out in the textbook *Sociologia em Movimento* and the knowledge of the students about the theme. The chosen moment was the feedback about the photos taken by the students, as a teaching methodology structured in two moments: the first moment is the analysis of the photos and the descriptions sent by the students and then matching them with the theoretical discussions of culture based on what was photographed. As a result, it was noticed that the use of photography with education, specially as a debate starter, helps comprehend Social Sciences themes because they bring closer the scientific speech to the experiences and stories of the students.

Keywords: Photography; Culture; Social Sciences; Education; Feedback.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Independência ou morte.....	12
Figura 2 - Iberê Camargo.....	27
Figura 3 - Estátua maçônica.....	29
Figura 4 - Monumento das cuias.....	31
Figura 5 - Pichação no prédio.....	32
Figura 6 - Mercado público.....	33
Figura 7 - Ponte dos açorianos.....	34

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1. Fundamentação teórica.....	16
2. Procedimentos metodológicos.....	22
3. Desenvolvimento da proposta: do senso comum ao olhar crítico.....	25
4. As devolutivas: as fotografias como disparadores do debate.....	35
5. Considerações finais.....	40
Referências Bibliográficas.....	44

Introdução

Este trabalho visa apresentar uma experiência de uso da fotografia como disparadora de um debate entre mim - licenciando - e estudantes do ensino médio de uma escola pública de Porto Alegre. O objetivo foi aproximar o conhecimento teórico das Ciências Sociais sobre a temática da cultura, tal como disposta no livro didático Sociologia em Movimento, de Afrânio Silva et al. (2016), utilizado pela escola, e a noção de cultura percebida pelos estudantes ao fotografar. Ao solicitar que eles produzissem fotografias sobre a "cultura", busquei deslocar a ideia oriunda do senso comum de "cultura" como algo "erudito" para um olhar crítico e reflexivo sobre a experiência da cultura no cotidiano.

O livro Sociologia em Movimento, de Afrânio Silva et al. (2016) é um dos livros utilizados na disciplina de Sociologia do Ensino Médio e na Escola Técnica Estadual Parobé não é diferente. O livro em questão está na sua segunda edição, publicada no ano de 2016 pela editora Moderna, e contém 516 páginas. O livro, escrito por Afrânio Silva e outros autores, possui 6 Unidades, sendo elas: 1) Sociedade e conhecimento: a realidade social como objeto de estudo, 2) Cultura e sociedade: cultura, poder e diversidade nas relações cotidianas, 3) Relações de poder e movimentos sociais: a luta pelos direitos na sociedade contemporânea, 4) Mundo do trabalho e desigualdade social, 5) Globalização e sociedade do século XXI: dilemas e perspectivas e 6) A vida nas cidades do século XXI – questões centrais de uma sociedade em construção.

Essas 6 unidades são divididas em 15 capítulos: 1) Produção de conhecimento: uma característica fundamental das sociedades humanas, 2) A Sociologia e a relação entre o indivíduo e a sociedade, 3) Cultura e ideologia, 4) Socialização e controle social, 5) Raça, etnia e multiculturalismo, 6) Poder, política e Estado, 7) Democracia, cidadania e direitos humanos, 8) Movimentos sociais, 9) Trabalho e sociedade, 10) Estratificação e desigualdades sociais, 11) Sociologia do Desenvolvimento, 12) Globalização e integração regional, 13) Sociedade e espaço urbano, 14) Gêneros, sexualidades e identidades e 15) Sociedade e meio ambiente.

O conceito de cultura não é contemplado durante o segundo ano do ensino médio, sendo contemplado somente no terceiro ano. Contudo, optei por sua escolha ainda assim, pois trata-se de um conceito extensamente investigado pelas Ciências Sociais, aumentando, dessa forma, as possibilidades de uma articulação com os estudos científicos sobre uma das temáticas dispostas no livro didático. Vale ressaltar que a reflexão a partir das fotografias pretendeu mobilizar uma conceituação basilar de cultura. Para tanto, a definição de cultura usada por mim neste trabalho é aquela definida no livro didático Sociologia em Movimento, no subtítulo 1, "Primeiras palavras", como "a base sobre a qual as sociedades humanas constroem seus diferentes modos de vida" (SILVA ET AL., 2016, p. 64).

Antes de adentrar na discussão, gostaria de apresentar meu percurso e o porque da escolha de trabalhar com a fotografia na educação. Desde minha inserção na universidade, passei a estreitar relações com a fotografia. Andar de bicicleta e fotografar a vida em Porto Alegre era um exercício contínuo. A fotografia, nesse sentido, passou a ser minha maneira de experimentar e expressar a cidade. Apesar desse interesse, eu não estava inserido nas discussões sobre a fotografia. Evidentemente, as discussões nas aulas de Ciências Sociais auxiliavam na mobilização do meu olhar frente a toda a potencialidade da fotografia. Contudo, a disciplina de Antropologia Visual e da Imagem, realizada no segundo semestre de 2019, ministrada pela professora Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama, possibilitou a verdadeira ampliação do olhar das Ciências Sociais, sobretudo da Antropologia, sobre a fotografia. A experiência de cursar essa disciplina tornou possível a descoberta da imensa produção fotográfica realizada por ou para os antropólogos, bem como a potencialidade da análise das mesmas: a fotografia como marcadora de uma intencionalidade e como uma linguagem, um discurso singular. Nessa mesma disciplina, conforme proposto pela professora, realizei um ensaio fotográfico com Cláudio, um conhecido mecânico de bicicletas em pleno bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. Essa experiência, que foi dialógica, se tornou uma inspiração para este trabalho com uma turma de ensino médio.

O trabalho na escola Parobé se inicia com a minha entrada no Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O programa é fruto de uma

política criada pelo Decreto n.º 7.219/2010 e regulamentada pela Portaria 096/2013, que oferece bolsas de iniciação à docência para estudantes universitários com o intuito de estreitar laços entre estes e as redes públicas de ensino a nível municipal e estadual. Também essa política pública tem como objetivo a melhoria do ensino, aumentando o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e a valorização do magistério na educação básica. No início do ano de 2021, então, em plena pandemia da COVID-19, foi iniciado o processo de vinculação de estudantes às escolas que se propuseram a aceitar o PIBID Ciências Sociais da UFRGS, e eu era um deles. A vinculação com as escolas foi bastante restrita, pois se realizou no ponto ápice da epidemia de coronavírus no Brasil, e as atividades precisavam respeitar todos os protocolos sanitários e de isolamento social.

Entre as opções disponíveis, selecionei a Escola Técnica Estadual Parobé, uma instituição secular que na década de 70 passou a dar predileção aos cursos técnicos - certamente uma das poucas instituições nesse sentido. A escolha decorreu pela proximidade da escola à minha residência, imaginando que frequentaria a escola presencialmente. Mas desde março de 2020, o Brasil estava acometido pela pandemia do SARS-Cov-2, o coronavírus causador da Covid-19. E as escolas estavam fechadas, retomando as aulas tempos depois de modo remoto, totalmente online. Sendo um vírus transmitido rapidamente pelo contato próximo, enquanto não houve maneira eficaz para evitar a fácil propagação, ficamos impedidos de frequentar as escolas. E minha iniciação à docência se deu assim: remotamente.

Essas medidas atingiram diversos setores; entre eles, a educação, como podemos ver através da publicação da lei nº 14.040, publicada em 19 de agosto de 2020, no diário Oficial da União, dando a possibilidade de substituição das aulas presenciais. De acordo com o inciso 5º desta portaria, o MEC resolveu que:

Os sistemas de ensino que optarem por adotar atividades pedagógicas não presenciais como parte do cumprimento da carga horária anual deverão assegurar em suas normas que os alunos e os professores tenham acesso aos meios necessários para a realização dessas atividades.(BRASIL, 2020, p.4)

A condição das aulas realizadas exclusivamente de forma online, naquele momento, dava garantias ao retorno das aulas que, até então, estavam interrompidas. Se as escolas foram fechadas em 2020, minha experiência como pibidiano na Escola Parobé, só se tornou viável no ano de 2021. Inicialmente, selecionei duas turmas de segundo ano e uma turma de primeiro ano para realizar minha iniciação à docência através da bolsa PIBID. A escolha dessas turmas (as turmas de 2M1, 2M2 e 1M1) se deu em decorrência da minha disponibilidade de horário, visto a minha restrição de horários por conta do meu emprego como monitor de inclusão em uma instituição escolar privada, localizada no extremo norte de Porto Alegre.

Contudo, com as mudanças dos horários e das datas das disciplinas na Escola Parobé ocorridas durante o ano letivo, por causa dos ajustes necessários à pandemia da COVID-19, precisei realizar alterações de turmas no intuito de tornar viável o meu comparecimento às aulas síncronas. Então, em acordo com a escola, foram estipuladas três outras turmas para a minha atuação: uma turma de primeiro ano, uma de segundo ano e uma de terceiro ano - respectivamente 1M1, 2M2 e 3M4. A professora Tânia Rejane Saraiva Schneider, professora titular da disciplina de Sociologia na escola, frequentava conjuntamente comigo essas aulas síncronas - que ocorriam quinzenalmente - e elaborava materiais para as aulas assíncronas - o que foi de extrema importância para o desenvolvimento das minhas dinâmicas docentes.

A minha relação com a imagem, sobretudo com a fotografia, fez com que as minhas aulas como licenciando do PIBID utilizassem imagens a profusão. Uma das aulas mais célebres nesse sentido, valeu-se da pintura de Pedro Américo (FIGURA 1), destacando o dia 7 de setembro de 1822. O quadro Independência ou Morte, de 1888, foi usado para explicar o Estado brasileiro imperial e a relação de poder que a imagem destaca. Toda a composição da pintura, bem como os grupos sociais presentes na imagem viraram objeto de análise dos estudantes, gerando uma participação singular.

Figura 1 - Independência ou morte



Fonte: Independência ou Morte, por Pedro Américo, óleo sobre tela, 1888. Pintura exposta no Museu Paulista.

Após isso, realizei, conjuntamente com a turma 1M1, um ensaio fotográfico para o um edital do site Fotocronografias¹. Esse ensaio buscou produzir um trabalho imagético tentando representar, através de fotografias, os modos de como os jovens do ensino médio do primeiro ano viviam a pandemia. Para esse trabalho, realizei materiais expositivos sobre técnicas de fotografia com celular; contudo, por não haver naquele momento perspectivas de usos para a Ciências Sociais e por fugir às perspectivas pedagógicas e dialógicas que me propus neste trabalho, não pensei em utilizá-las neste trabalho de conclusão de curso. Porém, a atividade serviu como experiência para mim e para a turma, pois um total de 15 fotos foram apresentadas, mostrando o envolvimento dos estudantes, bem como a aceitação do uso da fotografia na disciplina de Sociologia. Em um futuro, buscarei rever essas produções, dando-lhes um fechamento mais devido. Em suma, ao longo das aulas - dentro do possível - as imagens fizeram parte da minha experiência docente como licenciando em Ciências Sociais.

Inicialmente, o projeto que culminou neste trabalho de conclusão de curso, ancorou-se em uma proposta de elaboração de um ensaio fotográfico com caráter narrativo pelos estudantes do segundo ano. Essa perspectiva pensa um ensaio fotográfico como uma narrativa na qual a sequência de várias imagens realizadas por um mesmo autor (ou um conjunto de autores, ou ainda um curador) produz uma

¹ <https://medium.com/fotocronografias>

rede de significados. A proposta era que cada estudante produzisse uma sequência de imagens a partir do debate sobre o conceito de cultura, tal como apresentado no livro *Sociologia em Movimento* e, recebidas as fotografias, a turma, conjuntamente, realizaria uma montagem dessas fotografias em pranchas. A análise colaborativa, nesse sentido, estaria materializada na montagem das fotografias em pranchas fotográficas, tal como realizadas por Margaret Mead e Gregory Bateson no livro *Balinese Character - A photographic analysis* (1942), servindo como um material a ser revisto a futuro.

A ideia inicial, contudo, não foi realizada, pois para construção de narrativas fotográficas através de um ensaio fotográfico justificam-se pelo envio de diversas imagens e por sua organização através de uma sequência, na qual uma fotografia estaria vinculada a outra, formando uma rede de significados. Contudo, quatro estudantes enviaram apenas uma fotografia e outro estudante mandou apenas duas fotografias, somando-se seis fotografias ao total. Essas fotografias foram enviadas com uma descrição - o que não foi solicitado no trabalho. Isto deve-se à pouca reflexão sobre o processo de criação de narrativas fotográficas por parte dos estudantes; e ao desconhecimento deles em relação ao modo de realizar um ensaio fotográfico, bem como às poucas aulas dadas por mim sobre todas as questões pertinentes relacionadas a como realizar as narrativas fotográficas.

Adaptando a ideia inicial às possibilidades apresentadas, optei por propor um outro trabalho. Sendo assim, este trabalho é fruto do resultado que ordena-se em: a) minha análise das 6 fotografias - contendo uma descrição sobre elas - enviadas pelos estudantes; b) essas análises fotográficas geraram análises sobre a temática da cultura; c) minha análise foi objeto de devolutiva para a turma, gerando um diálogo sobre a temática de cultura à luz do livro didático *Sociologia em Movimento*. A minha análise fotográfica, juntamente com a minha análise da descrição das fotografias entregues pelos estudantes para suas fotos, deram os contornos da intencionalidade e da relação (próxima ou não) que os estudantes possuem daquilo que entendem sobre cultura.

Embora permeie grande parte do livro didático, a temática da cultura é abordada especificamente no capítulo 3, intitulado "Cultura e ideologia". O livro apresenta o

conceito à luz de três disciplinas: a Filosofia, a Antropologia e a Sociologia, respectivamente. Na parte referente à Filosofia, fala-se sobre categorias morais, como, por exemplo, a ideia do bom e do mau selvagem. Na parte referente à Antropologia, aborda-se o determinismo social como prática científica, em um primeiro momento, e posteriormente aborda-se o conceito da cultura à luz das escolas antropológicas: evolucionismo, difusionismo, culturalismo, funcionalismo, estruturalismo e interpretatismo, assim como as noções de relativismo e etnocentrismo. Por fim, o livro apresenta o tema da cultura do ponto de vista da Sociologia, abordando o conceito a partir de temas como ideologia, indústria cultural, cultura de massa e identidade.

1. Fundamentação teórica

A consolidação da Antropologia como disciplina científica acompanha o nascimento da fotografia. Bárbara Andréa Silva Copque, em sua dissertação de mestrado "Meninos-Fotógrafos ou a fotografia como fonte de conhecimento etnográfico" (2003), aponta que "as circunstâncias sociais que favoreceram o surgimento da fotografia foram às mesmas que permitiram o estabelecimento da antropologia enquanto ciência" (COPQUE, 2003, p. 50). Nuno Godolphim (1995), por sua vez, destaca que já na incipiente antropologia, os etnógrafos se lançavam ao encontro de outras culturas e carregavam sua câmera fotográfica sem questionar-se sobre o instrumento que carregavam. O uso da fotografia, neste período, tinha o mesmo propósito "colonial de categorizar, definir, dominar, e algumas vezes inventar o Outro" (SCHERER, 1995, p.71) da antropologia.

A análise da imagem fotográfica, em um primeiro momento, estava estritamente relacionada com a ideia de capturar a realidade e o factual; assim sendo, a relação da fotografia com a realidade objetiva era um dado científico na medida em que a fotografia supostamente não deixava mentir; ou seja, o que estava ali inscrito era - não um artifício e um recorte - mas sim o real. John Collier Jr. (1973), apresentou à fotografia, em um primeiro momento, uma análise recheada de dados objetivos das fotografias, apontando para um possível uso das mesmas. Porém, é sobretudo a partir do momento em que a fotografia encontra terreno fértil na análise simbólica que ela passa a ser tão logo analisada a partir de uma linguagem própria.

No que diz respeito à análise de imagens fotográfica, destacam-se autores como Roland Barthes (1984), que busca compreender a fotografia como uma linguagem passível de ser analisada tal como a escrita. Um dos empreendimentos desse autor é dimensionar a mensagem simbólica envolvida na fotografia, que leva em consideração as intenções daquele que realizou a fotografia (operator) e aquele que observa e analisa a fotografia (spectator). No livro "O ato fotográfico", Philippe Dubois (1993) revisita a história que está engendrada na fotografia a partir da análise semiótica. O autor, fazendo o uso da semiótica de Peirce, aponta que a fotografia se apresentou e se apresenta, na sua história, sob três perspectivas:

como espelho do real, como transformação do real e como traço do real. Em particular, para esse autor, a fotografia se apresenta como índice, pois

os índices são signos que mantêm ou mantiveram num determinado momento do tempo uma relação de conexão real, de contigüidade física, de co-presença imediata de seu referente, enquanto os ícones se definem antes por uma simples relação atemporal de semelhança, e os símbolos por uma relação de convenção geral (DUBOIS, 1993, p.61).

Boris Kossoy (1999), por sua vez, se ocupa em destacar os processos engendrados no momento do ato de fotografar que mesclam o assunto, o fotógrafo e a tecnologia - no caso deste trabalho, o celular - , tendo como produto final a fotografia; destaca também o uso da imagem, sobretudo da fotografia como propaganda ideológica. Arlindo Machado (1984) se preocupa em destacar a intencionalidade na fotografia. Essa intencionalidade, na perspectiva do autor, está intimamente ligada com a escolha de enquadramento. O autor aponta que isso é resultado da operação ideológica evocada pelos sujeitos que realizam a fotografia.

Embora ainda não acabada, a análise da fotografia a partir do simbólico, abriu espaços para leituras das fotografias realizadas pelos cientistas sociais no passado. Nesse sentido, destaca-se Etienne Samain (1995, 2004), em particular, que revisitou as fotografias de Bronislaw Kasper Malinowski (1984) , bem como de Margareth Mead e Gregory Bateson (1942), fazendo uma análise a fim de demonstrar que a fotografia exprime não apenas um modo de representar o “estar lá” , mas também as epistemes ancoradas no próprio estudo realizado por esses antropólogos. Vale ressaltar, em especial, a preocupação de Margareth Mead e Gregory Bateson na organização das fotografias em pranchas - como uma sequência estruturada na montagem - que auxiliaram a análise fotográfica realizada por Etienne Samain.

No ponto de vista de Nuno Godolphim, a montagem se resume a “dispor um conjunto de imagens fotográficas de forma que as relações entre elas, ou o seu todo produza a significação desejada” (GODOLPHIM, 1995, p. 177). Também esse autor aponta que a montagem ajuda na compreensão da intencionalidade do(a) autor(a) na sua produção fotográfica. A leitura da fotografia em montagem se aproxima daquilo que Luiz Eduardo Robinson Achutti (2003) definiu como fotoetnografia.

Segundo esse autor, em seu texto "Fotos e palavras, do campo aos livros", essa narrativa a partir das fotografias

deve se apresentar na forma de uma série de fotos que relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais. Série de fotos que devem se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador. (ACHUTTI, 2003, p. 11)

No entendimento desse mesmo autor, a fotografia “não se deve sobrepor a outras formas narrativas: ela deve ser valorizada na sua especificidade” (ACHUTTI, 2003), pois, “não se trata aqui de buscar uma alternativa ao texto escrito nem de promover um ‘duelo’ entre texto e imagem” (ACHUTTI, 2003). Portanto, a fotografia parece buscar a sua autonomia em relação ao texto, adquirindo um espaço singular no que diz respeito à produção de conhecimento em Ciências Sociais. Por isso, Bittencourt (1998) aponta que a fotografia se apresenta como instrumento etnográfico para o “estabelecimento de um diálogo fecundo com outros universos culturais” (BITTENCOURT, 1998, p. 200). Bárbara Copque também percebe a fotografia como “um valioso meio para a representação da vida cotidiana, constituindo-se também, como um inventário do fenômeno social” (COPQUE, 2003, p. 53). Já Miriam Moreira Leite (1998) entende a fotografia como “estudo da prática fotográfica e da significação da imagem que revela regularidades objetivas de comportamento coletivo e a experiência vivida desses comportamentos.” (LEITE, 1998, p 41).

São três os possíveis usos, segundo Nuno Godolphim (1995), da fotografia nas Ciências Sociais: 1) assemelhando-se a John Collier Jr (1973), podemos usar a fotografia como dado técnico, juntamente com um caderno de campo ou gravador; 2) como devolutiva do material fotográfico realizado, estimulando diálogo e reflexões com esse grupo estudado e 3) como um recurso narrativo e discursivo próprio, sendo complementar ao texto. Para este trabalho, fruto da experiência realizada com a turma 2M2 da Escola Técnica Estadual Parobé, usei as fotografias realizadas pelos estudantes como disparadoras da discussão sobre a temática da cultura, gerando uma devolutiva das minhas análises das fotografias, bem como a

articulação da análise com o conceito de cultura, conforme disposto no livro didático utilizado.

Se as Ciências Sociais encontram na fotografia um modo de analisar a sociedade, deve-se à própria análise da fotografia. A análise da fotografia se vale do campo simbólico a fim de compreender o que está - o óbvio - e o que não está (- o obtuso - diretamente inscrito na fotografia. Todas essas definições são de extrema importância para o trabalho aqui realizado e prescindem de uma densa reflexão sobre o ato de fotografar. Para quem busca a reflexão sobre a produção de conhecimento em Ciências Sociais a partir da fotografia, é importante inserir-se na discussão sobre as Ciências Sociais e o uso da imagem. Os jovens estudantes do ensino médio, na disciplina de Sociologia, evidentemente não estão imersos nessas discussões. Portanto, nos encontros realizados pelo PIBID busquei inseri-los na discussão da análise fotográfica e seus usos para a Ciências Sociais.

Em toda ação que se possa estabelecer com a fotografia, estamos diante dos sujeitos que observam/analisa a fotografia e os que realizam essa fotografia; nesse sentido, à luz de Roland Barthes (1984), respectivamente o *spectator* e *operator* da fotografia. Na concepção de Roland Barthes, esses sujeitos estariam relacionados no mesmo campo simbólico; logo, apontam para uma compreensão semelhante daquilo que está fotografado, que ele vai denominar de *studium*, ou seja,

uma espécie de educação (saber e delicadeza) que me permite encontrar o Operator, viver os pontos de vista que criam e animam as suas práticas, mas, de certo modo, vivê-los inversamente, segundo o meu querer de Spectator. (BARTHES, 1984, p. 48)

Porém, nem toda a interpretação de uma imagem está relacionada aos elementos que a fotografia possui; assim, há algo que está subjetivamente inscrito no *operator* e que sobressai ao que está estabelecido no quadro. Esses detalhes (ou *punctuns*) se exprimem a partir das experiências singulares do *spectator* e têm a capacidade de “a partir de suas experiências subjetivas, criar leituras /reconhecimentos que vão além do *studium*” (o óbvio) (BARTHES, 1984, p. 1990).

Em toda fotografia também encontram-se aqueles elementos que estão inscritos no quadro (elementos denotativos) e os que se apresentam além do quadro

(elementos conotativos); ou, como aponta Boris Kossoy, segundo Bárbara Copque, “a imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades: a primeira é a mais evidente, visível” (COPQUE, 2003, p. 65) já as “demais faces, para o autor, são aquelas que permanecem ocultas” (idem).

O sentido denotado é o que se apresenta como elementos constitutivos na e da imagem: os elementos selecionados, o ângulo utilizado e o distanciamento do objeto fotografado serão constitutivos do que estará impresso na imagem final; por isso, é imprescindível que se faça uma análise fotográfica que implique a dimensão denotativa da imagem produzida. Assim, a porção denotativa possui estreita relação com a parte mais evidente/visível que é

exatamente o que está imóvel no documento (ou na imagem petrificada do espelho), na aparência do referente, isto é, sua realidade exterior, o testemunho, o conteúdo da imagem fotográfica (passível de identificação) (COPQUE, 2003, p. 65).

Arlindo Machado, por seu turno, aponta que todo recorte, toda escolha, “toda síncope do quadro é uma operação ideológica orientada, já que entrar em campo ou sair de campo pressupõe a intencionalidade de quem anuncia e a disponibilidade do que é anunciado” (MACHADO, 1984, p. 76-77). Depura-se disso que o enquadramento, o ângulo e o cenário, expressam a maneira com que o(a) autor(a) dispõe sua relação com tudo aquilo que está inscrito na imagem. A análise do enquadramento, do ângulo e do cenário, portanto, marcam a intencionalidade do(a) autor(a). Intencionalidade essa que, segundo Nuno Godolphim, deve ser levada em consideração na montagem do trabalho fotográfico. Esta ligação está intimamente relacionada com as afecções que a imagem (re)produz nos sujeitos.

O conotado está garantido não nos elementos do quadro, mas no que sobressai às imagens; ou seja, vai além dos elementos constitutivos da imagem e alcança a compreensão social da fotografia. Nesse sentido, Milton Guran (1998) aponta que a fotografia dá “pistas seguras para a compreensão daquilo que se encontra guardado no mais impenetrável dos materiais, o ser humano.” (GURAN, 1998, p. 90).

No pensamento de Etienne Samain, há uma estrutura cognitiva e afetiva precedente em toda fotografia que excede e ultrapassa o mero 'campo' material da própria fotografia” (COPQUE, 2003, p. 65). A minha análise fotográfica deste trabalho busca destacar, na devolutiva realizada com os estudantes sobre suas fotografias, uma leitura acerca do conceito de cultura a partir do que está inscrito na fotografia, pretendendo encontrar o entendimento e reconhecimento de quais leituras sobre a cultura estão associadas nessas imagens. Portanto, através da análise das imagens produzidas pelos jovens, busquei compreender a qual discurso/narrativa de cultura esses estudantes estão atrelados para, posteriormente, como professor, explicar o conceito de cultura a partir do livro didático Sociologia em Movimento; ou seja, a partir de uma leitura das Ciências Sociais.

Antes de apresentar este trabalho no seu sentido prático, faz-se necessário destacar o grupo social com o qual esse trabalho foi desenvolvido: a juventude. A juventude é compreendida como um grupo social singular no qual as relações sociais marcam a busca pela identidade a partir da diferença, frente às possibilidades do mundo. Ao mesmo tempo em que há uma evidente subjetivação buscada na identidade, que se opera a partir da diferença, em um movimento endógeno, também se estabelecem modos de ser que são atravessados por movimentos exógenos - reflexo dos processos de subjetivação histórica e socialmente construídos, que interagem com os modos de agir e pensar da juventude ao longo de sua constituição subjetividade como grupo social.

Do ponto de vista psicanalítico, é na juventude que as definições de mundo dada pelo Outro falha e assim busca-se novos espaços de significação; por isso, o grupo social ao qual o jovem se vincula é de extrema relevância para ele. É nesses movimentos de significações que a subjetividade da juventude se exprime na sua singularidade.

A esse grupo social - a juventude - o espaço e tempo se configuram na memória fotograficamente selecionada para a expressão de um passado extremamente recente, na qual as memórias (os *tbt's*), são expressões do recentemente vivido; o recorte da memória, então, é diariamente recorrido à

imagem; isso confere uma aproximação do jovem, bem como uma facilidade, na apropriação técnica da fotografia que, neste trabalho, é de extrema importância.

Nuno Godolphim (1995) aponta como necessidade *sine qua non* dominar a técnica da fotografia. Boris Kossoy parece pensar o mesmo, ao pontuar que

a técnica permite ao fotógrafo articular a relação fragmentação/congelamento cultural e expressivamente - em seu processo de criação - no ato da tomada da foto: no instante da gravação do registro, isto é, quando se dá a materialização documental da imagem fotográfica no espaço e tempo. (KOSSOY, 1999, p. 30)

As fotografias se apresentam como potentes formas de articular os conteúdos sociológicos, pois, como aponta Feliciano, “produzir imagens é produzir, ou (re)produzir, discursos” (FELICIANO, 2013, p. 3). Esses discursos que a minha análise das fotografias enviadas pelos estudantes busca compreender é condição para estabelecer um diálogo fecundo com os conteúdos próprios do ensino em Ciências Sociais. Portanto, as fotografias se colocam como possibilidade de ser, de relatar e narrar a relação imagética dos estudantes com o conteúdo da cultura nas quais imprimem seus discursos, oferecendo, como aponta Feliciano “as experiências que a juventude tem vivenciado cotidianamente [...] na compreensão apropriar-se do aparato imagético é uma maneira do jovem situar-se no cronos e no topos da vida diária”. (FELICIANO, 2013, p.3)

Portanto, as fotografias podem dar pistas para a compreensão da juventude sobre a cultura; ou seja, o sistema ideológico do *operator* que está atrelado à fotografia do jovem ao tratar das questões culturais. Na escolha do que fotografar (o assunto) o jovem mostra o quão é influenciado e influencia os discursos sobre o que é cultura e como a cultura se apresenta para ele.

2. Procedimentos metodológicos

Neste item, apresentarei a turma com a qual trabalhei e como as aulas foram desenvolvidas. A turma do segundo ano - 2M2 - da Escola Técnica Estadual Parobé é composta por estudantes residentes das regiões sul (10 estudantes), noroeste (6 estudantes), norte (1 estudante) e centro (1 estudante) de Porto Alegre; também há

estudantes do município de Alvorada (1 estudante) e de Viamão (1 estudante). Os estudantes possuem idade entre 15 e 17 anos, estando um estudante com 15 anos, quatorze estudantes com 16 anos e seis estudantes com 17 anos. Três estudantes se declararam pardos, quatorze se declararam brancos e quatro se declararam pretos. Nove são do sexo masculino e onze do sexo feminino. Apenas dois estudantes estão trabalhando nesse momento. Seis estudantes disseram não gostar de fotografias, sendo que quatorze deles nunca utilizaram a fotografia em nenhum trabalho, nem mesmo como ilustração. Ao longo do ano letivo, devido às complicações relacionadas à evasão escolar, somadas às dificuldades inerentes ao ano letivo atípico durante a pandemia do Covid-19, muitos estudantes deixaram de frequentar as aulas, fazendo com que poucos estudantes mantivessem o vínculo com a escola no formato online.

Dos estudantes que me enviaram fotografias: 1) G. possui 16 anos, é do sexo feminino, branca, residente do bairro Menino Deus, localizado na região Centro-Sul de Porto Alegre. Gosta de realizar fotografias. Nunca utilizou a fotografia em seus trabalhos. No momento ela não trabalha; 2) B. tem 17 anos, é do sexo masculino, preto e residente do bairro Serraria, localizado na região Sul de Porto Alegre. Gosta de fotografar e já utilizou da fotografia em outros trabalhos escolares. Auxilia seus pais no trabalho; 3) H. tem 16 anos, é do sexo masculino, branco e residente do bairro Paternon, região noroeste de Porto Alegre. Não gosta de realizar fotografias, mas já utilizou fotografias em outros trabalhos escolares; 4) C. tem 16 anos, é do sexo feminino, branca, residente do bairro Vila Nova, localizada na região sul de Porto Alegre. Gosta de realizar fotografias e já usou delas para realizar trabalhos escolares; 5) T. tem 16 anos, é do sexo feminino, preta, residente do bairro Vila Nova, localizado na Zona Sul de Porto Alegre. Gosta de realizar fotografias e nunca as usou para realizar trabalhos escolares.

No que diz respeito ao cronograma, para que esse trabalho fosse realizado, as aulas tiveram objetivo de 1) situar a cultura dentro das ações humanas que não são naturalizadas, mas construídas socialmente (aulas realizadas em 15/09/2021 e 22/09/2021); 2) ensinar a técnica fotográfica e noções de composição no celular, bem como situar a narrativa fotográfica como um modo de articular várias fotografias em

sequência (aula de 29/09/2021) e 3) rever o conceito de cultura conforme o livro didático Sociologia em Movimento a partir das fotografias apresentadas (aula de 20/10/2021). As fotografias, assim que realizadas, deveriam ser enviadas para o meu email institucional (@educars.gov.br). Os registros fotográficos foram realizados individualmente, sem estipulação de número mínimo e nem máximo de fotografias, mas pontuando-se a necessidade de que essas fotografias fossem apresentadas em sequência, a partir da experimentação do estudante em um grupo cultural com o qual os estudantes se identificassem.

No dia 20/10/2021, contudo, recebi apenas 3 fotografias, cada uma realizada por um autor/estudante diferente. Nos dias 29/10/21 e 01/11/21 recebi, respectivamente, uma foto de uma estudante e duas fotos de outra estudante. Essas entregas das fotografias foram únicas e não foram apresentadas através de uma sequência de imagens, ou seja, um ensaio fotográfico; tampouco foram realizadas a partir da experimentação em um grupo cultural com o qual os estudantes se identificassem. Isto tornou inviável qualquer possibilidade de montagens e reflexão sobre a fotografia como uma narrativa. Também foram enviadas pequenas descrições das fotografias - mesmo que não solicitadas por mim. Aqui elas serão destacadas como um outro discurso que pode auxiliar nas análises das imagens.

Algumas explicações factuais dessa dificuldade na entrega podem ser explicadas por alguns fatores, como: a) a restrita comunicação online em meio a pandemia, que resulta em uma relação pouco próxima entre os estudantes e eu; b) a dificuldade própria de realizar a fotografia a partir de uma narrativa imagética criativa em detrimento à da fotografia como uma retificação do real; c) a evasão escolar no contexto de pandemia, principalmente a partir de uma informação oriunda dos estudantes; d) a presença nas aulas online não poderia ser cobrada; e) o interesse geral dos estudantes e, por fim, f) a minha dificuldade em mobilizar o interesse dos estudantes de forma mais ativa.

Todo esse trabalho leva em consideração, como fundamento pedagógico, a busca pela aproximação do professor e dos estudantes. Busco continuamente, como professor, estabelecer relações potentes com os estudantes, buscando o diálogo. A

fotografia como disparadora de uma devolutiva, realizada neste trabalho, se alia ao princípio da investigação colaborativa que

ênfatisa a interpretação das imagens e ideias geradas pelo sujeito da imagem, seja ele o etnógrafo ou não, o produtor destas imagens. Imagens fotográficas, por perverterem o tempo, envolvem memória e identificação, provocando um reconhecimento. Quando utilizadas de modo interpretativo, elas provocam interpretações do processo de transformação social, vividas pelos atores sociais, pois como assinala Moreira Leite, a fotografia "Convida a recriá-la e a revivê-la (1998: 41). (COPQUE, 2003, p. 54)

Portanto, a análise fotográfica buscou estabelecer uma relação próxima do que é conceituado como cultura e aquilo que a prática fotográfica realizada pelos estudantes apontou como cultura. Esses apontamentos estão inscritos nas imagens produzidas pelos estudantes; ou seja, neste trabalho o estudante é central, pois as suas fotografias apontaram a direção da própria discussão da temática acerca da cultura.

3. Desenvolvimento da proposta: do senso comum ao olhar crítico

Ao tratarmos da cultura enquanto temática na educação, mobilizamos um recorte de um tema particularmente caro às Ciências Sociais. Aos estudantes do Ensino Médio, particularmente aos do segundo ano, essa temática é fortemente atravessada pela leitura oriunda do senso comum. O senso comum se estabelece a partir do entendimento preestabelecido sobre os conceitos discutidos nas Ciências Sociais. O raciocínio facilmente compreendido do senso comum, no entanto, confronta-se com o que as Ciências Sociais no momento em que o estudante passa a estudá-lo na Sociologia do ensino médio.

Portanto, o senso comum se estabelece com a bagagem cultural pré estabelecida pelos sujeitos. É a partir da inserção do estudante na discussão científica que o senso comum pode ser posto à prova. Neste sentido, neste meu trabalho, o(a) professor(a) se torna um importante aliado na compreensão mais detalhada da temática em questão por já estar inserido nas discussões sobre cultura. Corroborando com isso, Octávio Ianni (2011), aponta que os estudantes

trazem uma bagagem cultural permeada pelo senso comum. Se faz necessária, então, uma aproximação desse senso comum do estudante ao olhar crítico das Ciências Sociais. O professor, nesse sentido, promove as bases históricas e sociais para que o estudante possa partir do senso comum para uma visão crítica, promovendo uma desconstrução daquilo que o estudante reconhece como familiar; cabe ao professor “desenvolver uma visão crítica desse tipo de conhecimento levado em consideração” (MELLO,2020, p.24).

Novamente, conforme Octávio Ianni (2011), é importante que o professor desenvolva a visão crítica a partir da compreensão do senso comum trazida como bagagem cultural do estudante. Assim, ele aponta formas com a qual pode se estabelecer essa relação pedagógica entre professor e os estudantes: 1) o social é obra inacabada do ser humano e 2) as organizações sociais são locais de disputa de diferentes valores e ideias. Nesse sentido, a desnaturalização neste trabalho é um aspecto pedagógico almejado já nas primeiras aulas realizadas no dia 15/09/2021 e 22/09/2021. Tal como disposto nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), “um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais” (ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 105).

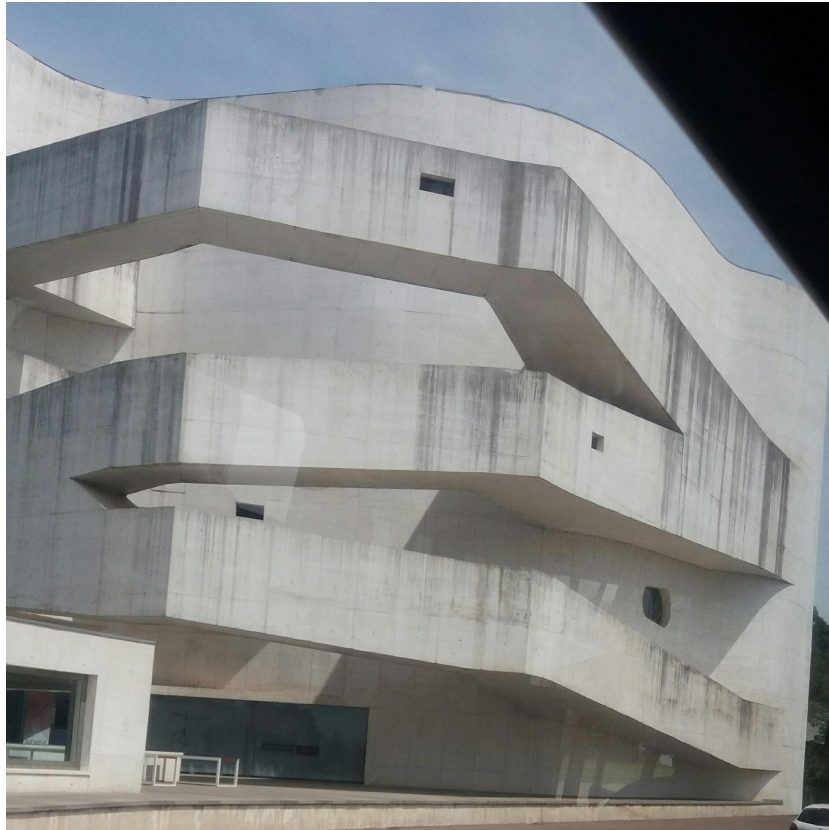
Embora o meu investimento em conversar com os estudantes sobre cultura buscando desconstruir as ideias oriundas do senso comum tenha sido realizado nas aulas do dia 15/09/21 e 22/09/21, o meu pedido da realização das fotografias a partir da temática da cultura prenunciava que essas imagens estivessem perpassadas por leituras daquilo que é atribuído ao senso comum como cultura e cultural. E, nesse sentido, as devolutivas das fotografias estiveram engendradas pela busca da desnaturalização do senso comum, abrindo espaço para a etapa posterior: atribuir uma leitura para aquelas fotografias realizadas a partir do senso comum e, conseqüentemente, atribuir uma leitura à luz das Ciências Sociais ao conceito de cultura que se manifestam nessas fotografias. Para tanto, antes que eu realizasse a discussão sobre a cultura, foi necessária a análise fotográfica.

A minha análise levou em consideração a intencionalidade dos autores das fotografias. Em relação a esse particular, pode-se dizer que antes de qualquer clique que se faça, há um recorte e um enquadramento dispostos a serem fotografados. A relação que se estabelece com o que está evidenciado na imagem de quem fotografou aponta para uma proximidade - ou não - com aquilo que está ali inscrito na imagem. O enquadramento é a inscrição inicial dada pelo sujeito que ali se relaciona com os objetos fotografados. Nuno Godolphim (1995) expressa que o enquadramento é um aspecto importante para detalhar a intencionalidade do autor. Já Arlindo Machado (1984) corrobora e aponta que o enquadramento, o ângulo e o cenário expressam essa intencionalidade do autor. Boris Kossoy (1999), por sua vez, aponta que é nessa finalidade/intencionalidade oriunda de uma solicitação externa - como no caso deste trabalho - que reside o primeiro ato do fotógrafo: o de selecionar o assunto. Esse assunto é resultante da seleção dos sujeitos; essa seleção compreende o imaginário que os estudantes neste trabalho estabelecem com o conceito de cultura e que está impresso na imagem final.

Para analisar as imagens produzidas pelos estudantes é preciso compreender que neste trabalho destacam-se três grupos: 1. os *operator*, os estudantes que enviaram as fotografias; 2. um *spectator* - eu, licenciando em Ciências Sociais - e 3. os estudantes que não enviaram as fotografias - os outros *spectator*. É também interessante notar que nos situamos todos no mesmo contexto sócio-histórico. Uma diferença própria do percurso desses três grupos implicados neste trabalho diz respeito às inserções na discussão da análise fotográfica e da temática da cultura; nesse sentido, a minha formação em cientista social permite que minhas análises busquem um olhar sociológico que eu já adquiri durante minha formação; isto, evidentemente, ainda não ocorre com os estudantes.

Dito isto, seguem as análises de cada uma das fotografias enviadas.

Figura 2 - Iberê Camargo



Fonte: Fotografia do estudante T.

A fotografia de T. (FIGURA 2) mostra uma imagem do museu Iberê Camargo. A fotografia foi realizada à distância, havendo uma evidente preocupação em capturar a totalidade do museu. Não há ninguém na rua e o museu está fechado. A listra preta no canto da tela expõe o que a autora descreve sobre a imagem: "Eu e uma amiga decidimos ir ao shopping após a escola, pegamos um ônibus junta, e no caminho passamos pelo Museu do Iberê Camargo, e resolvi tirar uma foto para registrar.". A fotografia foi realizada durante o dia.

A fotografia parece apenas querer cumprir sua necessidade para a atividade desenvolvida com a turma. Portanto, a autora não registra a cultura na qual se inscreve, registrando apenas o que, para ela, indubitavelmente cumpre com a minha proposta. Isso parece estar reiterado na distância entre a fotógrafa e o museu, pois na mesma medida que o museu está distante dela, também está distante do que a autora vive como sua cultura.

O museu estava no caminho de quem estava indo em direção ao shopping, que era de fato o objetivo naquele dia, em detrimento à realização da atividade

proposta. Evidentemente o shopping possui também vários aspectos culturais, mas, então, porque a opção pela fotografia fugaz de um museu em detrimento a uma fotografia no/do shopping? Será que a proximidade das fotografias da autora seriam mais próximas?

Figura 3 - Estátua maçônica



Fonte: Fotografia do estudante H.

A imagem de H. busca destacar uma obra maçônica (FIGURA 3) em sua totalidade. Essa obra possui duas pilastras na cor branca e uma escada aos pés da estrutura com os dizeres, em ordem: maçons, imperiais e republicanos. Há uma preocupação com o enquadramento mostrar toda a estrutura. Há também uma aproximação do fotógrafo com o objeto fotografado. O pequeno detalhe preto no canto superior direito parece demonstrar que o autor estava por trás de uma janela, possivelmente dentro de um ônibus. A fotografia foi realizada durante o dia. Não há ninguém fotografado. Para sua fotografia, H. escolhe uma estátua apontando para a cultura erudita que o autor selecionou como assunto.

A imagem é descrita dessa forma:

Tirei essa foto no dia em que fui ao shopping João Pessoa. Embora o grupo dos Maçônicos tenha certas polêmicas envolvendo sua história, é interessante compreender e perceber sua aparência na sociedade, como antes eles eram um grupo anônimo por dizerem que não queriam intervir na sociedade, hoje eles são mais expostos, tornando sua existência mais notável na sociedade.

Tirei essa foto pois ela retrata tanto a cultura, como também traz um questionamento maior sobre o grupo dos Maçônicos, como eles são e como eles agem dentro da sociedade, sendo grandes influências por serem um grande grupo. A imagem representa os degraus de poder, como se fosse uma pirâmide, acima tem dois pilares, podendo ser igualdade ou algo relacionado a superioridade. As palavras escritas nos degraus mostram que eles se veem acima dos governos, daí surge a teoria deles serem influenciadores dentro do mundo.

Indubitavelmente há um interesse de H. no funcionamento dos grupos maçônicos, na medida em que a descrição do autor busca compreender o que é tal grupo. Mesmo assim, no mesmo dia em que o autor fotografa a estátua, o destino parece ser o shopping. Por isso, tal como a imagem anterior, são válidas as perguntas: porque não fotografar o shopping? Qual a proximidade que o autor estabelece com a cultura fotografada? Seria o shopping o local com elementos mais significativos para os modos de vida de H.?

Figura 4 - Monumento das cuias



Fonte: Fotografia do estudante B.

A imagem realizada por B. (FIGURA 4) é conhecida como monumento das cuias. Os elementos como postes, semáforos e placas acentuam o distanciamento, estabelecendo-se como uma espécie de ruído à imagem. O objeto principal para B. parece ser o monumento das cuias, que se apresenta na centralizada na imagem. No local não há pessoas e nem carros circulando. A fotografia foi realizada durante o dia. B. mostra um distanciamento enorme com o objeto fotografado, inclusive, utilizando-se do recurso do *zoom*. O distanciamento é reforçado na sua descrição da imagem, tratando-se de uma descrição meramente informativa: “A obra foi doada depois da 4º Bienal de Artes Visuais do Mercosul de 2003, ao município pelo artista Saint Clair Cemin para Porto Alegre e está nessa rótula desde o dia 7 de março de 2011”.

A relação de distanciamento com a obra de arte demonstra que B. não se relaciona com essa experiência cultural. Novamente a imagem parece servir apenas para cumprir a atividade proposta por mim para a turma. Portanto, reforça aquilo que se conhece indubitavelmente como elemento cultural: a estátua. Isso, no fim, acaba

destacando um aspecto cultural que não se estabelece relacionalmente com o autor da fotografia.

Figura 5 - Pichação no prédio



Fonte: Fotografia do estudante G.

A fotografia de G. (FIGURA 5) dispõe de um ângulo que demonstra que a fotografia foi aparentemente realizada de um apartamento. Grande parte do que está na imagem são prédios da cor cinza. Por entre essa coloração cinza dos prédios e das janelas fechadas, ao lado de uma pichação inscrita, uma pequena mensagem compreensiva é exposta: 2021 fora bozo. Por mais que haja uma fotografia aqui, a predileção pela inscrição na parede assimila toda a intencionalidade da autora. A fotografia foi feita durante a noite.

Ao destacar a inscrição da fotografia, a autora sobrepõe a escrita à própria imagem. Parece que a imagem destaca uma posição política partidária da autora. O mesmo ocorre na sua descrição da fotografia:

A política é diversa, dentro da sociedade nos distinguimos como esquerda e direita. Partidos e suas filosofias e crenças, algumas nem tanto, já outras até demais. Muitas vezes conhecemos a política como chata, que não deve contrariar certas coisas, que dentro da política só existe ladrão. Porém, se analisarmos com consciência quem e qual partido escolhermos, não haverá ou diminuirá esquemas de rachadinhas etc... No ponto desse texto ou até crítica, busco incentivar as pessoas a escolherem com sabedoria quem irá representar o estado ou país pois muitas vezes nos arrependemos e passamos por coisas que poderiam ter sido evitadas na eleição! Espero que tenha ficado compreendido o ponto alvo desse texto.

Surge, a partir dessa minha reflexão, questões pertinentes a serem realizadas: qual a relação com a temática que a autora atribuiu nesta imagem que produziu? O que faz pensar? Qual é a relação que a autora estabelece com a cultura nessa fotografia? Que aspectos são possíveis pensar sobre?

Figura 6 - Mercado Público



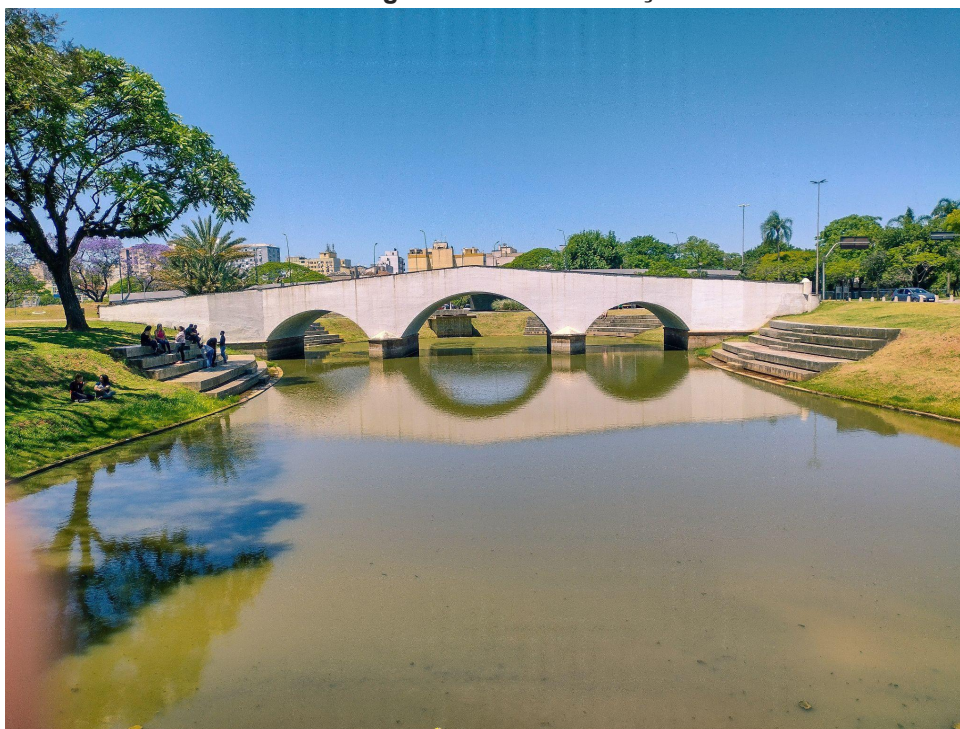
Fonte: Fotografia do estudante C.

A escrita é novamente destacada nessa imagem realizada por C. (FIGURA 6), pois o objeto centralizado na imagem é o da descrição da história do mercado público de Porto Alegre. A imagem busca na proximidade entre sujeito e objeto fotografado destacar o texto; essa mesma proximidade acaba excluindo os

movimentos culturais permanentes no Mercado Público de Porto Alegre. A fotografia foi realizada durante o dia.

Na sua descrição da imagem, a autora demonstra que há um afeto nessa imagem, pois a autora destaca que “ele é de grande importância para mim, pois me remete aos passeios com minha mãe pelo centro da capital. (Tirei a foto durante um passeio com minha mãe)”. Contudo, a minha análise busca na fotografia o que há de elemento cultural e qual a relação cultural que a imagem estabelece com o(a) autor(a) da imagem fotográfica. Na descrição, antes de expressar sua relação afetuosa, a autora descreve: “um dos lugares mais ricos de cultura em Porto Alegre é o Mercado Público”. A imagem produzida se relaciona muito mais com a frase na qual a autora descreve o Mercado Público como “um dos lugares mais ricos de cultura em Porto Alegre” do que a relação com a memória afetuosa dos passeios com sua mãe. O que decorre disso é que há, ao fim, uma busca pelo elemento cultural que não deixa dúvida ser cultural. A afetuosidade articulada na descrição refere-se muito mais à memória do que propriamente reflete sobre a relação da autora com a cultura fotografada.

Figura 7 - Ponte dos Açores



Fonte: Fotografia do estudante C.

A mesma autora demonstra, novamente, uma preocupação com a organização dos elementos e sua proporção na sua fotografia da Ponte dos Açores (FIGURA 7), mostrando um desenvolvimento técnico da fotografia apurada. A fotografia aqui é realizada na horizontal e o objeto fotografado de destaque é a ponte de pedra, estando no centro do assunto. A fotografia foi realizada durante o dia. Próximo da ponte de pedra encontra-se um grupo de pessoas reunidas.

A imagem parece cumprir, para a autora, a proposta da atividade proposta por mim de fotografar a cultura, pois trata-se de um monumento - Ponte dos Açores - que demarca a história açoriana de Porto Alegre. Em uma das partes da descrição a autora parece, tal qual a outra fotografia enviada, buscar reiterar que há, sem dúvidas, na imagem, um elemento cultural: “sempre que vou para a escola passo pela Ponte de Pedra, também chamada de Ponte dos Açores este monumento faz parte dos meus dias”; ao passo que novamente estabelece uma relação afetiva na qual, segundo C., “este monumento faz parte dos meus dias, me remete aos meus amigos e todos os bons momentos que passo na escola. (Tirei a foto logo depois de sair da aula enquanto esperava o ônibus com meus colegas)”.

Esta segunda fotografia da autora parece repetir a lógica da primeira, na qual a autora estabelece uma relação da fotografia com a memória, porém, essa relação não está implicada no modo com a qual a autora se inscreve em uma cultura; ou seja, a autora não estabelece uma relação com a cultura açoriana.

4. As devolutivas: as fotografias como disparadoras do debate

As perguntas feitas aos estudantes que enviaram as fotografias buscaram não apenas estimular a percepção deles sobre a cultura, mas tentar compreender como os estudantes se relacionavam, a partir dessas fotografias, com o elemento cultural fotografado. Assim sendo, as perguntas emanadas da minha análise fotográfica ajudaram a entender a intencionalidade das fotografias que, por sua vez, à luz do livro didático Sociologia em Movimento, ajuda a vincular as fotografias

realizadas pelos estudantes dando contornos ao conteúdo da temática aqui destacada - a cultura.

Nuno Godolphim aponta que é possível usar a fotografia “como elemento de interação na devolução do material fotográfico, estimulando a relação com o grupo estudado e abrindo um campo de diálogo” (GODOLPHIM, 1995, p. 167). As fotografias enviadas e as minhas análises dessas fotografias estabeleceram relações com o que está disposto no livro didático. Vale ressaltar que as descrições das imagens realizadas pelos estudantes apontam para discursos que ora complementam e ora opõem-se à fotografia realizada pelos estudantes, reforçando a autonomia dos discursos da fotografia e da escrita.

A primeira devolutiva ocorreu no dia 29/10/2021. Entre os estudantes que tiveram sua fotografia analisada, apenas B. compareceu. Muito embora o restante da turma tenha colaborado com o debate, oferecendo suas percepções sobre as imagens, dadas as dificuldades de realizar a aula com a turma, a devolutiva ficou restrita aos autores das fotografias. Vale ressaltar, nesse sentido, que houve um problema no áudio do Google Meet dos estudantes, ficando a interação restrita ao chat. A segunda devolutiva ocorreu no dia 03/11 com a interação com as estudantes T., B. e C. Nesse dia, com o auxílio da professora Tânia Schneider, a turma 2M2 se deslocou até a sala da informática para conversarmos de modo remoto², porém nem todos conseguiram acessar a aula, pois a escola estava sem acesso à internet. Para que eu pudesse realizar a devolutiva para os estudantes que fotografaram, a professora utilizou os dados móveis do seu celular para que eu conversasse com os estudantes que ainda não haviam recebido a devolutiva de suas fotografias. Assim, as minhas análises fotográficas, dispostas no item anterior, serviram para apontar para a compreensão da cultura destacada nas fotografias realizadas pelos estudantes.

À luz das minhas análises fotográficas, voltei-me à compreensão que a mim compete: a de cientista social em formação. Para isso, o livro didático foi fundamental, pois dele retirei a definição de cultura utilizada; a saber, cultura como

² Conforme Portarias 2.286 e 2.291, ambas de 17 de março de 2020, as atividades, aos estudantes e funcionários da UFRGS, ficaram restritas às aulas online.

a base sobre a qual as sociedades humanas constroem seus diferentes modos de vida. É por meio da cultura que buscamos soluções para nossos problemas cotidianos, interpretamos a realidade que nos cerca e produzimos novas formas de interação social. A maneira pela qual estruturamos a economia, nossas formas de organização política, as normas e os valores que orientam nossas ações, todos esses elementos estão presentes na cultura. (SILVA, Afrânio et al, 2016, p. 64)

O livro didático Sociologia em Movimento em seu subtítulo 2, "Cultura e vida social", em especial no subitem "Cultura como juízo de valor", expõe que

quando afirmamos que "uma pessoa tem muita cultura", o termo está sendo utilizado no sentido de educação formal ou acadêmica. Nesse aspecto, relacionamos cultura a uma hierarquização dos indivíduos e grupos. Essa, porém, é uma utilização típica do senso comum. (SILVA, Afrânio et al, 2016, p. 67).

Essa perspectiva do livro encontra forte consonância em um texto de Roberto DaMatta intitulado "Você tem cultura?" (1981), de maneira complementar ao livro didático. Na análise desse autor, a compreensão dada para a cultura, no Brasil, tem sinônimo de inteligência extremamente ligada à erudição. O mesmo autor aponta que existe também uma hierarquização de cultura, na qual estão verticalmente dispostas a alta cultura, a baixa cultura e a subcultura.

As fotografias de T., B., C. e H. (FIGURAS 2, 3, 4, 6 e 7) têm no assunto principal elementos culturais que apontam para a compreensão da cultura classicamente ligadas à inteligência e ao culto; a saber, a cultura como erudição. É evidente que as imagens selecionadas buscam cumprir a atividade de fotografar a cultura. Também as fotografias não dizem respeito ao tipo particular de cultura na qual os estudantes se inscrevem, mas sim ao que indubitavelmente é cultura. Isso possibilita apontar que as escolhas de se fotografar a estátua ou o museu, no caso de T. e H., em detrimento ao shopping, perpassa pelo modo com o qual o senso comum opera na conceituação de cultura a partir de uma hierarquização que pensa a cultura como inteligibilidade, como apontou Roberto DaMatta (1981).

Particularmente as análises fotográficas e a devolutiva de C. fazem pensar sobre a relação estabelecida entre memória, fotografia e cultura. Sem dúvida, a relação entre as três é relevante. Contudo, as fotografias da autora vinculam aspectos da memória e da fotografia, faltando a implicação da autora nessa cultura. Ao fim, os registros fotográficos de C. apelam para a cultura erudita, na qual ela não estabelece nenhuma relação cultural, não consistindo, portanto, "no conjunto de práticas, saberes, normas e valores de uma coletividade, servindo de fundamento para as relações sociais nela estabelecidas" (SILVA, Afrânio et al, 2016, p. 66).

Por sua vez, a análise fotográfica de G. (FIGURA 5) remete ao conceito de Ideologia - outro conceito caro às Ciências Sociais. À luz do livro didático, disposto no subtítulo 4, "Ideologia e comportamento social", ideologia é "o conjunto de ideias e valores que orientam o comportamento e as decisões dos indivíduos e grupos compõem" (SILVA, Afrânio et al, 2016, p.75). Embora a compreensão de ideologia seja tão ampla quanto a de cultura nas Ciências Sociais, a fotografia de G. funciona como um disparador à luz da compreensão gramsciana de ideologia. Para esse autor, conforme o subitem "Ideologia como visão de mundo" a ideologia é "um conjunto de perspectivas produzidas pelas diferentes classes sociais que se materializam nas práticas sociais ao mesmo tempo que são influenciadas por elas, formando um sistema de valores culturais" (SILVA, Afrânio et al, 2016, p. 77).

Segundo esse autor, a ideologia é o modo de ver o mundo e este modo de ver o mundo se articula com a perspectiva de uma classe. Assim, as "classes dominantes procuram difundir sua forma de explicar o mundo, de modo que possam inspirar o comportamento cultural das classes dominadas e influenciá-lo" (SILVA, Afrânio et al, 2016, p. 77). As classes dominadas constituem e difundem sua visão de mundo a fim de contrapor-la à hegemonia da classe dominante. Esse movimento se constitui como contra-hegemônico.

Nesse sentido, toda disputa política é entendida como uma posição ideológica que busca, em última instância, consolidar sua visão de mundo sobre o que é cultura. A consolidação de uma disputa ideológica de classe intra-estatal é o motivo pelo qual a disputa partidária também pode ser compreendida como disputa ideológica e, conseqüentemente, cultural. Daí o motivo da relação de partido político

e ideologia e que tem desdobramento nos modos de agir e pensar a cultura nos diferentes vieses partidários. É justamente nesse ponto que a teoria de Gramsci encontra a fotografia de G.

A descrição de G. parece frisar essa visão gramsciana de ideologia, pois segundo ela “a política é diversa, dentro da sociedade nos distinguimos como esquerda e direita. Partidos e suas filosofias e crenças, algumas nem tanto, já outras até demais”. Mais que isso, a descrição de G., ao seu modo, se posiciona: “Busco incentivar as pessoas a escolherem com sabedoria quem irá representar o estado ou país pois muitas vezes nos arrependemos e passamos por coisas que poderiam ter sido evitadas na eleição!”.

Com isto realizado, pude discutir individualmente com T., G., B. e C. sobre suas produções fotográficas e sobre minha análise. Vale ressaltar que não houve tempo hábil para conversar com H., pois sua falta na aula do dia 29/10 acarretou na falta de tempo para a realização deste diálogo no curto período de tempo ainda restante. Então, segue-se as conversas realizadas:

A conversa com T. foi realizada no dia 03/11. Em relação a sua escolha de fotografar o museu, a mesma destacou que estava passando de ônibus com uma amiga e resolveu fotografar o museu. Perguntada se a estudante já havia frequentado o museu, ela respondeu: “ainda não tive a oportunidade”. Quando perguntei-lhe sobre o motivo de ela não ter tirado fotografia do shopping, já que iria até lá com a amiga, a mesma respondeu que nem pensou nisso, mas que se fotografasse, teria que descer na parada, atravessar a rua para poder colocar na imagem toda a dimensão da estrutura do shopping. Contudo, a minha pergunta foi no sentido de que a fotografia fosse realizada dentro do shopping que ela frequentou e, novamente, ela respondeu que também não havia pensado sobre. Perguntada por mim se ela percebia que no shopping havia elementos da cultura, ela respondeu que sim. Perguntei se caso ela tivesse realizado a fotografia no shopping, a fotografia teria sido realizada de mais perto, diferentemente da sua fotografia do Iberê Camargo, e a mesma respondeu que achava que sim. T. pareceu entender meu ponto de vista em relação à minha análise de que, conforme o livro didático e também conforme Roberto DaMatta (1981), a sua predileção pelo museu em

detrimento ao shopping diz respeito ao discurso sobre cultura fornecida pelo senso comum: a cultura na sua erudição.

A conversa com B. foi realizada no dia 29/10. Questionado sobre a escolha de B. pela escultura do monumento das cuias, B. respondeu: “eu busquei cultura, uma cultura do Rio Grande do Sul que fosse conhecida e que todos de Porto Alegre sabem o que representa”. Quando perguntado se a cultura gauchesca faz parte do seu cotidiano, ele respondeu: “não me relaciono muito com a cultura gaúcha e não é do meu cotidiano”. Quando questionado se acreditava que as fotografias realizadas no shopping seriam realizadas de forma mais próxima, o mesmo respondeu com um sim. B. percebe sentido na leitura de DaMatta em relação à erudição da cultura.

A devolutiva de G. foi realizada no dia 03/11. Perguntada sobre a escolha da fotografia, G. respondeu que achava importante que as pessoas escolhessem bem seus representantes. Quando questionada sobre a relação que a fotografia teria com a cultura, ela reforça a resposta anterior, destacando a importância de uma boa escolha de um partido político. Insistindo na pergunta, ela aponta que as escolhas políticas vão definir nosso futuro e mesmo ela não gostando de política é importante que as pessoas votem em pessoas importantes. Ao explicar o conceito de Ideologia, à luz de Gramsci, conforme disponível no livro didático, ela apontou: “o que eu queria dizer era isso”.

A conversa com C. aconteceu no dia 03/11. C. Concordou que a sua fotografia do Mercado Público de Porto Alegre e da Ponte de Pedra acabam ratificando a ideia de cultura como erudição, tal como as fotografias realizadas por outros colegas. Ela compreende e concorda que sua relação com o mercado e com a ponte possui uma vinculação com a afetividade e com a memória. Contudo, perguntada se ela percebe nesses locais que ela fotografou aspectos culturais que ela vivencia, a mesma responde que não. Ambos, portanto, possuem uma dimensão de sociabilidade, mas não de cultura para a autora das fotografias.

5. Considerações finais

O contexto escolar de pandemia da Covid-19 foi uma variável que dificultou tanto a minha inserção na turma ao longo do ano letivo, quanto a realização de um trabalho mais conjunto entre o meu fazer enquanto professor e os(as) estudantes(s), pois a relação mais próxima tende a criar vínculos potentes para a aprendizagem em Ciências Sociais. Além disso, as dificuldades próprias do uso das tecnologias geraram períodos de dificuldade de interação nas aulas online síncronas. Nesse sentido, a professora Tânia Schneider foi essencial por auxiliar no contato com os estudantes, que acabam evadindo das aulas. Em relação à temática escolhida, o uso da cultura passa pela dificuldade da não consensualidade na temática no campo das Ciências Sociais; todavia, a definição do livro didático - instrumento amplamente utilizado na Escola Parobé - foi essencial para que fosse usada uma definição tangível para todos os estudantes.

Acredito na potencialidade da fotografia e seus usos em Ciências Sociais e, neste trabalho, na medida do possível, busca encorajar outros professores a desenvolver e experimentar a fotografia em suas aulas. Porém, para que as fotografias sejam incorporadas às aulas de Ciências Sociais é preciso que elas se estabeleçam com uma narrativa própria, diferentemente da maneira com a qual elas se apresentam nos livros didáticos: como mera ilustração.

Também é necessária a inserção do professor nesse modo de produzir conhecimento, pois os estudantes precisam conhecer e reconhecer a técnica fotográfica para que as fotografias sejam realizadas de maneira elaborada. Embora nenhum dos estudantes tenha destacado uma cultura na qual se inscreve, a própria experiência vivida ao fotografar tem a capacidade de transpor a discussão que se apresenta, aos estudantes, no campo teórico para a reflexão do cotidiano. Pois as fotografias aqui analisadas fazem parte dos percursos e contextos sócio-históricos desses estudantes. Decorre disso que a fotografia demonstra uma capacidade de aterrizar o conhecimento de Ciências Sociais que se apresentam, muitas vezes, para os estudantes, como desconexo da prática. Este trabalho, portanto, demonstra que a imagem fotográfica tem a potencialidade de levar a discussão sociológica para próximo do percurso diário desses estudantes, pois a escolha do que fotografar se

ampara no recorte do tema solicitado pelo professor - neste trabalho, a cultura. Esse recorte foi fundamental para a realização dos debates sobre a temática da cultura.

O percurso deste meu trabalho foi guiado pelo envio das fotografias; esse percurso fez com que o conceito de cultura fosse abordado ainda de maneira introdutória. Dois fatores são fundamentais para isso: 1) a temática não faz parte do currículo do segundo ano em Sociologia do Ensino Médio, 2) as fotografias realizadas pelos estudantes não estão amparadas em uma densa reflexão sobre o conteúdo da temática, pois o conteúdo de cultura não faz parte da base curricular do segundo ano.

Nesse sentido, sugere-se que este trabalho seja rediscutido e também realizado novamente no terceiro ano, onde essa discussão estará melhor balizada e onde os elementos contidos nas fotografias - o que está presente nas fotografias - podem ser debatidas em suas singularidades, buscando a compreensão dos motivos pelos quais estes elementos existem. Outro aspecto que merece destaque foi a pouca reflexão sobre os modos de produção da narrativa fotográfica. O motivo pelo qual a narrativa fotográfica - proposta inicialmente - foi abandonada deve-se às poucas fotografias enviadas que, por sua vez, são consequência da pouca dedicação de tempo nas minhas aulas sobre este modo de realizar ensaios fotográficos. Por isso, acredito que para que este trabalho tenha um melhor desenvolvimento, se faça necessário um projeto mais duradouro criado ao longo do ano letivo. Mesmo assim, neste meu trabalho, foram realizadas discussões muito pertinentes ao campo das Ciências Sociais; sendo elas: a distinção entre cultura à luz das Ciências Sociais e o senso comum, bem como a relação com a ideologia e cultura.

Philippe Dubois (1993) já havia destacado que as fotografias não são apenas um produto de uma técnica, mas sim “algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato” (DUBOIS, 1993, p. 15). É na fotografia como imagem-ato que a devolutiva se potencializa ao apontar a escolha fotográfica do estudante e destacá-la analiticamente. Isso tem como efeito aproximar o que está implicado no discurso da imagem produzida por um estudante em sociologia do ensino médio ao que já é consolidado nas Ciências Sociais. De outra maneira, as

imagens-atos manifestam as discussões que não podem ser relevadas no que tange a temática estudada - neste trabalho desenvolvido com a turma de segundo ano - , a cultura.

Assim, o uso da fotografia como devolutiva, abordada neste trabalho, possibilita que se realize uma construção colaborativa na qual o professor de Ciências Sociais, conjuntamente com os estudantes, articulam um saber próprio das Ciências Sociais a partir do que se apresenta na fotografia enviada. Nesse sentido, as fotografias realizadas pelos estudantes apontaram qual a discussão que se realizou em sala de aula sobre a temática da cultura à luz do livro didático.

É justamente na compreensão sociológica sobre a temática que a função do professor de sociologia do Ensino médio se faz necessária; por isso, conforme Octávio Ianni (2011), uma aproximação do senso comum do estudante - a bagagem que ele traz consigo - ao olhar crítico sociológico é primordial para a inclusão desses estudantes nas discussões analíticas das Ciências Sociais. O professor, dessa maneira, promove as bases históricas e sociais para que o estudante possa partir do senso comum - aquilo que o estudante reconhece como familiar - à uma visão crítica à luz dos estudos em Ciências Sociais. Cabe ao professor, portanto, “desenvolver uma visão crítica desse tipo de conhecimento levado em consideração” (MELLO,2020, p.24). Do ponto de vista pedagógico, acredito que para o melhor desenvolvimento deste trabalho, se faz necessário um momento da devolutiva no qual apenas os estudantes falem sobre suas produções, visto que a devolutiva realizada pelo professor já no primeiro momento, por vezes, pode influenciar na concordância dos estudantes.

Por fim, o Novo Ensino Médio, que entra em vigor a partir de 2022, não estabelece a obrigatoriedade de Sociologia no Ensino Médio, colocando-a em eixos temáticos. A configuração dos itinerários formativos (conjunto de oficinas, projetos e núcleos de ensino) serão pontos chaves na inserção das fotografias como disparadoras de discussões sociológicas nesse novo formato de educação. Assim, o empreendimento da fotografia se tornará uma das maneiras possíveis de destacar os esforços das Ciências Sociais no Ensino Médio, pois a fotografia torna possível

estabelecer um diálogo fecundo com questões sociais que perpassam todos os itinerários formativos.

Referências Bibliográficas

ACHUTTI, Luís E. R. Fotos e palavras, do campo aos livros. Revista STUDIUM, 12, 2003.

BARTHES, Roland. A câmara clara. Lisboa: Edições 70, 1989.

BATESON, G; MEAD, M. Balinese character: a photography analysis. New York: New York Academy of Sciences, 1942.

BITTENCOURT, Luciana A. "Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica". In: Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais / Bela Feldman-Bianco, Míriam I. Moreira Leite (orgs.). Campinas: Papius, 1998.

BRASIL. Lei Federal nº 14.040, de 18 de agosto de 2020. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 159, p. 4, 19 ago. 2020h. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14040.htm. Acesso em: 13 out. 2021.

COLLIER, Jr., John. Antropologia visual: A Fotografia como Método de Pesquisa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paula, 1973.

COPQUE, Bárbara A. S. Meninos fotógrafos ou a fotografia como conhecimento etnográfico. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, 2003.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? Jornal da Embratel, Rio de Janeiro, 1981.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 2^a. ed., Campinas: Papirus, 1993.

FELICIANO, Luiz A. Juventude na contemporaneidade: diálogo com a fotografia e a memória. XVII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XIII Encontro Latino Americano de PósGraduação e III Encontro de Iniciação à Docência – Universidade do Vale do Paraíba, 2013.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos, ano 1, no. 2: 161-185, 1995.

GURAN, Milton. A 'fotografia eficiente' e as Ciências Sociais". In: Ensaios (sobre o) Fotográfico./Luiz Eduardo R. Achutti (org.). Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

IANNI, Octavio. O Ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º graus. In: Caderno Cedes. Campinas, v. 31, n. 85, set./dez. 2011.

KOSSOY, B. Realidade e ficções na trama fotográfica. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

LEITE, Moreira. "Texto visual e texto verbal. In: Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais / Bela Feldman-Bianco, Míriam I. Moreira Leite (orgs.). Campinas : Papirus, 1998.

MACHADO, Arlindo. A ilusão especular. São Paulo: Brasiliense-Funarte, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw K. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MELLO, Pedro D. de. O Processo de Construção do Conhecimento Sociológico Escolar: estudo sobre os fatores sociais envolvidos na prática pedagógica. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO. Conhecimentos de Sociologia. In: Ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica. Autores: Amaury César Moraes, Elisabeth da Fonseca Guimarães & Nelson Dácio Tomazi. 2006.

SAMAIN, Etienne. Ver e Dizer na Tradição Antropológica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 2., 1995.

SAMAIN, Etienne. “Balinese character (re)visitado (Etienne Samain)” In: Os Argonautas do Mangue (André Alves). 1. ed. Campinas e São Paulo: Editora da UNICAMP e Imprensa Oficial, 2004.

SCHERER, Joanna. Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. In: Cadernos de Antropologia e Imagem 3, 1995.

SILVA, Afrânio et al. Sociologia em movimento. São Paulo, Moderna, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.